

**ENTERREM MEU CORAÇÃO
NA PEDRA DO ARPOADOR**

Amostra

Amostra

ROBERTO MOTTA

ENTERREM MEU CORAÇÃO
NA PEDRA DO ARPOADOR

Amosra



MINOTAURO

Enterrem meu coração na pedra do arpoador

Copyright © 2026 Minotauro

Minotauro é uma empresa da Editora Almedina do Grupo Editorial Alta Books.

(STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.)

Copyright © 2026 Roberto Motta

ISBN: 978-65-6143-077-7

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2026 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M918E

1. ed. Motta, Roberto

Enterrem meu coração na pedra do arpoador/ Roberto

Motta. – 1. ed. Rio de Janeiro : Minotauro, 2026.

104 p.; 16 x 23 cm

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-6143-077-7

1. Contos Brasileiros. 2. Literatura contemporânea.

3. Rio de Janeiro (RJ) - ficção. 4. Sociedade brasileira. 1. Título.

CDD 869.93

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Editor da Obra: Rogrigo Mentz

Vendas Governamentais: Cristiane Mutüs

Produtor Editorial: Fonte Editorial



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br



Editora
afiliada à:
alabr
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
EDITORES INDEPENDENTES

ASSOCIADO



Para meus irmãos Leila, Paulo e Danilo.

Amostra

Não importa quem foi meu pai; importa quem eu me lembro que ele foi.

Anne Sexton, poeta americana

Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o sino que ressoa ou como o prato que retine.

1 Coríntios 13

...e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas.

Genesis 1:3

1

MEU PAI NUNCA RECLAMOU da dor. Ele fechava os olhos e recostava a cabeça no sofá, ou colocava as mãos sobre o abdômen e contraía o rosto em silêncio. Uma vez, respondendo a uma pergunta que lhe fiz, ele disse que sentia um bando de caranguejos mordendo sua barriga por dentro. O caranguejo é o símbolo do câncer. Meu pai sofreu daquele que talvez seja o pior: o câncer de pâncreas.

A localização do pâncreas, embutido profundamente no corpo, cercado de vasos sanguíneos, nervos e órgãos, permite que a doença se espalhe rapidamente e em silêncio. Câncer de pâncreas é quase sempre descoberto tarde demais. Um dos tratamentos é uma cirurgia mutiladora que retira o pâncreas e grande parte do estômago. É um sofrimento terrível que dá ao paciente, na maioria dos casos, apenas mais alguns anos de vida. Alguns anos podem ser importantes mas, ainda assim, os que escolhem essa alternativa brutal de tratamento dificilmente escaparão. O câncer de pâncreas quase sempre volta.

Eu não sabia que, em pleno século 21, ainda se recebiam sentenças como essa. É claro que eu tinha consciência de que existem doenças incuráveis e fatais, mas isso estava no domínio dos livros e documentários de TV; eram casos exóticos que sempre aconteciam a desconhecidos. Nunca com a nossa família.

Recebi o telefonema na sexta-feira de carnaval, dia 12 de fevereiro de 2010, às três da tarde, quando trabalhava em casa, no quarto que convertemos em escritório. Atendi o celular. Do outro lado da linha estava um patologista que, depois de confirmar quem eu era, me

informou que o resultado do exame do meu pai indicava um tumor maligno.

Meu pai sempre foi atlético, embora nunca me lembre dele fazendo esportes. A exceção era a natação que ele praticava do seu jeito, na piscina do Clube Guanabara, em Botafogo. Aos 84 anos ele parecia ter menos de setenta. O andar era firme como o de um homem de quarenta anos, os braços e mãos fortes, a postura ereta. Ele nunca teve a barriga enorme que, em tantos homens, é a admissão final da derrota do corpo e da força de vontade diante do tempo ou da cerveja. Ele nunca teve o andar hesitante ou o passo miúdo de tantos idosos. Meu pai andava como um homem jovem e seus gestos eram diretos e decididos. Ele adorava caminhar, andava de bicicleta sem capacete e dirigia com velocidade e ousadia, para minha aflição. Meu pai não aceitou nenhum trato com a velhice.

Mas alguma coisa estava acontecendo. Em algum momento, no meio do ano de 2009, ele começou a perder peso. Eu demorei a notar, com tantas coisas sempre acontecendo na vida – e nem todas boas – e, quando notei, demorei a me manifestar. Nenhum de nós dois se sentia muito confortável entrando na intimidade do outro, indo além de assuntos que considerávamos seguros. Amos Oz, em seu livro *Histórias de Amor e Escuridão*, diz: "eu poderia escrever muitos volumes sobre as coisas que nunca falei com o meu pai". A frase me serve totalmente. Por isso foi preciso que minha mulher comentasse como meu pai havia emagrecido para que eu finalmente tocasse no assunto. Ele falou de problemas de estômago, de exames que estava fazendo e de remédios que tomava, que não ajudavam muito. Reclamou do médico, que chamarei aqui de Dr. XYZ. Disse que ele nunca tinha um diagnóstico preciso e que a cada consulta solicitava novos exames.

Meu pai sempre cuidou de sua saúde sozinho. Consciente, fazia check-ups periódicos, tomava remédio para reduzir o colesterol e seguia as recomendações médicas. Em três ocasiões eu já havia passado por cima da barreira de discrição e autossuficiência que nos separava para me intrometer em sua história médica.

A primeira vez foi quando ele precisou operar uma hérnia de disco, uma decisão da qual, provavelmente, nós dois nos arrependemos, depois do terrível período pós-operatório e considerando os resultados limitados alcançados pela cirurgia. Na segunda vez eu

morava em Washington D.C., nos EUA, e recebi da família a notícia de que meu pai tinha câncer na próstata, o que ele prontamente negou, apoiado por seu urologista. Nunca soube a verdade. A terceira vez foi quando um rotineiro exame de tireoide revelou um enorme bócio mergulhante que, ao invés de se manifestar como um inchaço externo do pescoço, ocorria internamente. Os dois médicos famosos que consultamos recomendaram cirurgia imediata; o volume da massa era grande e poderia comprimir a traqueia, comprometendo a respiração. Um deles disse que era preciso marcar a operação para o dia seguinte. Meu pai sorriu aquele sorriso cheio de dentes, herdado por meu irmão Paulo, disse que ia pensar no assunto e nunca mais se falou disso.

Mas a perda de peso continuava e com ela surgiram desânimo e cansaço, como se algo minasse as forças do meu pai. Um dia, no final de 2009, abri por acaso a porta do seu quarto e vi meu pai dormindo no chão, onde as dores o incomodavam menos. Eram nove horas da noite de um sábado e o resto da família conversava e via TV na sala. Na comemoração de Natal daquele ano, em minha casa, meu pai chegou andando devagar e cabisbaixo. As fotos daquela noite confirmam sua magreza. Novamente Alexandra chamou minha atenção: seu pai não está bem, você precisa fazer alguma coisa. Eu devo ter conversado com ele, ele deve ter se queixado do médico. Depois foi embora cedo reclamando de cansaço.

Naquela altura, como viríamos a saber depois, seu corpo já não conseguia receber os nutrientes necessários para se manter em funcionamento. O Natal acabou, um novo ano começou e outras urgências surgiram até que minha irmã me ligou de Brasília para contar que nossa prima Luciana, que é médica e estava hospedada na casa dos meus pais por alguns dias, vira por acaso, em cima de uma mesa, o resultado de um exame – um dos muitos exames que meu pai reclamava que o médico pedia com frequência. O laudo e a imagem mostravam a existência de uma massa no pâncreas.

Luciana conversou com meu pai e descobriu que o Dr. XYZ já havia pedido uma biópsia há vários meses, que meu pai não havia feito.

O exame foi agendado. Na data marcada tive que viajar a trabalho. Estava caminhando pelo estacionamento de uma churrascaria em Porto Alegre, saindo de um almoço de negócios, quando meu telefone tocou: do outro lado da linha meu irmão Danilo, que ficara encarregado de levar meu pai ao que achávamos que seria um simples exame de rotina, me informava que, depois de fazer o exame, meu pai sentia muita dor e não conseguia andar. Aparentemente, em alguns casos, esse era um efeito colateral do procedimento. A penetração da longa agulha usada para colher material para a biópsia provocava uma reação do corpo que, indignado com esse insulto medieval, respondia com dores intensas.

Enquanto no Rio meu pai saía do hospital de cadeira de rodas, em Porto Alegre eu me arrependia de não ter adiado a viagem. Talvez esse exame não fosse de rotina, como tínhamos imaginado. Talvez minha presença tivesse evitado ou aliviado o sofrimento. Eu ainda não havia saído do estacionamento da churrascaria quando Danilo ligou de novo.

Ele e meu pai já tinham chegado em casa, mas a dor era tão intensa que era impossível para o meu pai caminhar ou mesmo mudar de posição sozinho. *Por favor, leve ele para o hospital*, eu pedi. Ele não quer ir, disse Danilo. Passa o telefone para ele, pedi. Falei com meu pai com o tom severo que um pai usa com um filho momentaneamente rebelde: se você não for ao hospital eu cancelo minha viagem e volto no primeiro avião. Foram para o hospital e, algumas horas depois, ele estava de volta em casa, sentindo-se melhor. Enquanto isso, no ambiente asséptico de algum laboratório de análises clínicas reagentes químicos processavam as células que haviam sido extraídas tão dolorosamente do seu corpo. O resultado sairia em alguns dias.

Câncer é uma palavra que descreve uma doença e um signo do zodíaco. Misericordiosamente, para a grande maioria, será apenas isso: uma palavra. Para os poucos que são sorteados nessa loteria ao contrário, o câncer é uma sentença, um compromisso inadiável, uma educação forçada e dolorosa sobre a complexa fragilidade da biologia humana e, muitas vezes, sobre a arrogância e indiferença de quem deveria curar.

Câncer é um avião, em uma noite de tempestade, sem lugar para pousar.

Quando desliguei o telefone depois de ouvir o que o patologista tinha a dizer, naquela sexta feira de carnaval de 2010, eu ainda não havia sido iniciado na silenciosa irmandade do câncer. Meu primeiro pensamento foi: eu nem sei para que serve o pâncreas. Meu segundo pensamento foi reunir meus três irmãos. Leila e Paulinho, que moram em Brasília e Washington, estavam no Rio. Resolvemos nada dizer ao meu pai até que falássemos com o Dr. XYZ, o que agora só seria possível depois do carnaval.

No dia seguinte ao telefonema do patologista, sábado de Carnaval, decidimos levar meu pai para começar o tratamento. Mas como assim, que tratamento? O médico não havia prescrito nada. Nem havíamos falado com ele ainda. Não tínhamos a menor ideia do que fazer. Mas colocamos meu pai no carro e fomos até uma clínica de radioterapia credenciada pelo plano de saúde, localizada na praça Serzedelo Correia, em Copacabana. Claro que ela estava fechada. Era sábado de Carnaval. Tentamos chamar alguém, batemos na porta de vidro - como se o vigilante que tomava conta do local fosse, em pleno sábado de carnaval, abrir a clínica e operar aparelhos para aplicar um tratamento para o qual não tínhamos nenhuma indicação, nenhuma prescrição, nada.

Voltamos para casa.

Na Quarta-Feira de Cinzas marcamos uma consulta com o Dr. XYZ, sem meu pai, para a sexta-feira seguinte. O consultório ficava em Botafogo, em um prédio moderno, mas de aspecto cansado, desses que reúnem consultórios, clínicas e laboratórios. Dr. XYZ era o gastroenterologista de quem meu pai havia se queixado tantas vezes. "Pede muitos exames, cada vez que levo o resultado de um exame ele pede outro, e nunca diz nada". Como nunca diz nada? eu perguntava, ele precisa ter dito alguma coisa. "Não, ele nunca diz nada", repetia meu pai.

De repente me dei conta que eu mesmo já havia me consultado com aquele médico alguns anos antes, quando tive problemas no estômago. Reconheci a sala de espera com aspecto de abandono, mobiliada com moveis antigos. Na mesa da recepcionista ficava uma máquina de escrever, que ela usava para datilografar as fichas do pacientes. Alexandra, que tinha me acompanhado na minha consulta,

comentara: "médico que ainda usa máquina de escrever não pode ser bom".

Dr. XYZ nos recebeu na sua sala, eu, Danilo e Paulinho. Sentamos em cadeiras desconfortáveis. Eu entreguei o resultado do exame. Pairava no ar um cheiro de coisa velha, de mofo. Lá fora já escurecia.

"Seu pai tem um tumor no pâncreas", ele disse, folheando o exame.

"Qual é o prognóstico doutor?", perguntei.

"O prognóstico não é bom" ele respondeu, com dificuldade de sustentar nosso olhar. "Câncer de pâncreas, quando se manifesta, geralmente já está em estágio avançado".

"E o tratamento? Quimioterapia? Radioterapia?". Do nosso lado, só eu falava.

"Primeiro são necessários alguns exames para ver a real extensão da doença. Um PET scan. Para ter uma ideia".

"Quanto tempo ele tem doutor?"

"Dois, três meses"

Levei alguns segundos para processar aquilo.

"Três meses? Mas meu pai sempre teve uma saúde ótima! Como uma coisa dessas pode surgir assim, de repente?" eu perguntei. Mas a pergunta que eu estava fazendo era outra. A pergunta era: *meu pai está sendo tratado por você há alguns anos, como é possível que você não tenha descoberto isso a tempo?*

Dr. XYZ entendeu a pergunta que eu não fiz, a mesma pergunta que meus irmãos lhe faziam agora, silenciosamente. Ele colocou o resultado do exame sobre a mesa e passou a virar e revirar a ficha de papelão na qual estava, parte datilografada e parte escrita à mão, a história médica do meu pai.

"Seu pai é um paciente difícil. Estou vendo aqui. Eu pedia exames, ele demorava a trazer. Ele tinha várias queixas, mas não eram específicas. Enjoo, falta de apetite. Não eram específicas. Eu pedia exames, ele não fazia".

Ele repetiu essa explicação algumas vezes, evitando nosso olhar, rolando entre os dedos a ficha de papelão onde estavam informações que poderiam, talvez, ter salvado a vida do meu pai. Assim eu pensei naquele momento.

Só que não. Por tudo que sei agora, tivesse ele descoberto o real motivo da indisposição e magreza do meu pai, a única alternativa possível seria a cirurgia, a mutilação monstruosa das entranhas em

troca de imprevisíveis meses adicionais de vida, com a única certeza de muita dor. O cenário mais provável seria exatamente o mesmo que caía sobre nossas cabeças agora: nada a fazer. No final, o desleixo ou incompetência do Dr. XYZ podem ter resultado, para o meu pai, em alguns meses a mais de ignorância abençoada, de vida sem a pesada espada do câncer sobre a cabeça. Mas, naquele momento, sabíamos pouco, apenas que nosso pai iria morrer e que o homem que poderia tê-lo salvado, que tinha a obrigação de o salvar, estava sentado à nossa frente, manipulando fichas de papelão, evitando nosso olhar, balbuciando desculpas.

Ele escreveu uma receita com alguns remédios para enjoo e indisposição e um pedido de exame para o PET scan.

Na saída a secretária nos cobrou a consulta.